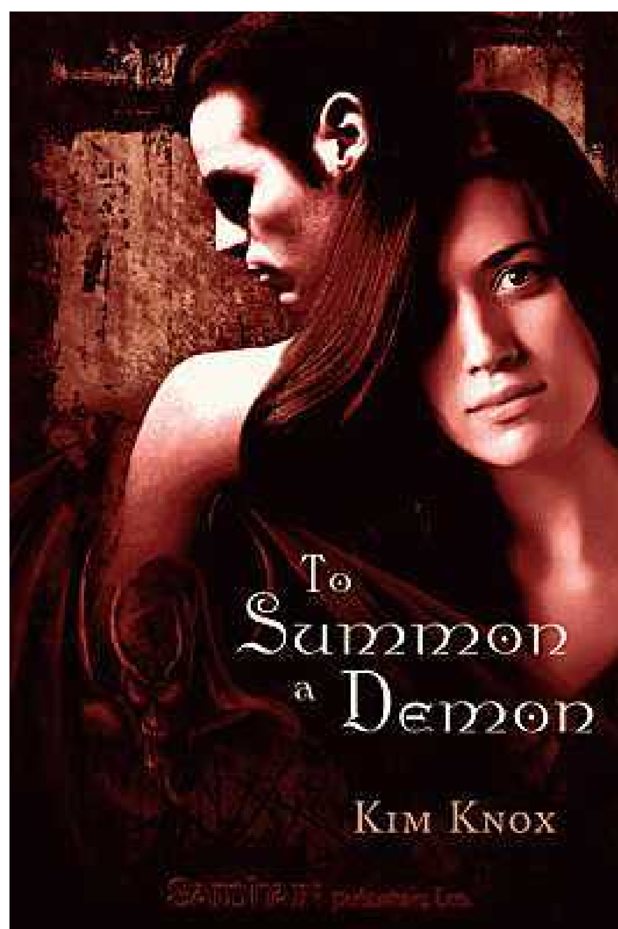


TIAMAT-WORLD APRESENTA:



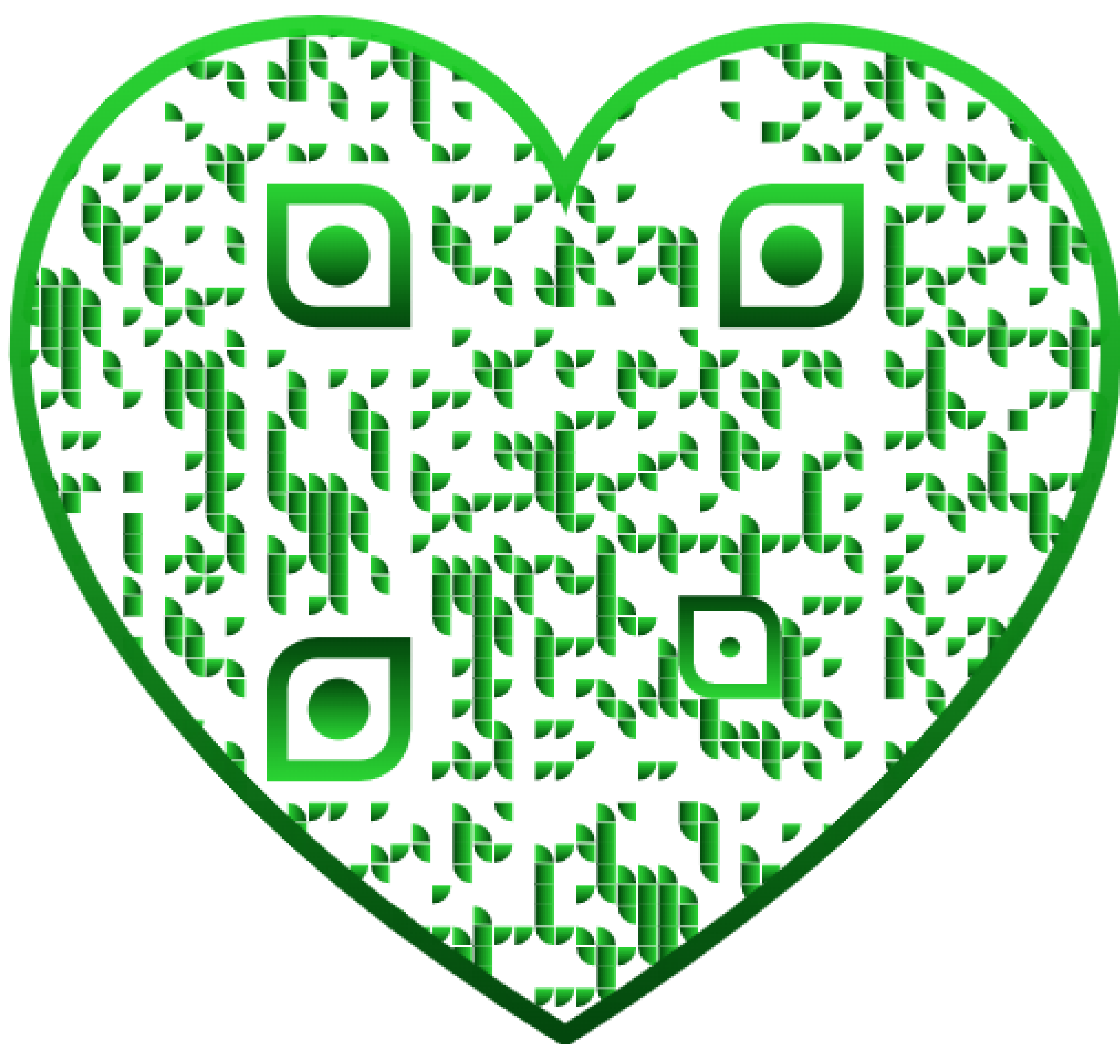
To Summon a Demon

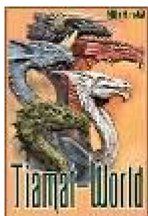
(Para Chamar um Demônio)

Kim Knox

REVISÃO EM ESPANHOL
Disp. Em Esp.: **DHL**
Envio e Tradução: **Gisa**
Revisão Inicial: **Irany**
Revisão Final: **Fabrícia**
Formatação: **Táai**
TIAMAT-WORLD

Resumo:
Um Demônio está em liberdade. E é mau até os ossos.





Com os músculos e mente esgotados, Inaeus lançou a espada. O aço grosso enfeitiçado se enterrou profundamente na coluna vertebral do monstro. O Demônio gritou sob a noite em sua dor… Que deveria ter sido o final de tudo. Não foi.

O Demônio está mais uma vez em liberdade e desta vez possui um poderoso cristal que vai deixando mais mortes ao seu passo. Com a aproximação da lua cheia, Inaeus deve matar ao demônio e destruir o cristal antes que ele possa chamar a vários irmãos do inferno.

Inaeus sabe quem convocou o Demônio. Conde. Sua antiga colega, sua ex-amiga. A única mulher que não pode ter. Conde não tem nenhuma lealdade à Liga que ele serve e rompeu sua confiança há muito tempo. Mas agora ela está de volta e se oferece para lhe ajudar a derrotar a criatura.

Por quê?

Vindo o inferno ou as Arpías uivadoras, Inaeus está determinado a conseguir a verdade de Conde. Se viverem tempo suficiente.

Comentários das Revisoras:

Comentário da Revisora Irany - Acho que a revisora final vai ter que achar um sentido nesta história (que eu achei bem confusa até quase o final.

Comentário da Revisora Fabrícia - A história fala de 2amigos que foram traídos. O mocinho é um guerreiro que é salvo pela heroína. Um conto curto para quem gosta do sobrenatural.

Convocar um Demônio começa com um golpe!

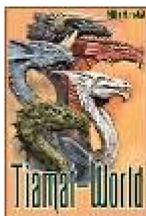
Inaeus se encontrava no bosque, acabava de despertar quando foi atacado pelas Arpías, pequenas criaturas aladas enviadas por um demônio para matá-lo. Tinha acontecido antes, mas Inaeus temia que desta vez não fosse capaz de ganhar quando, de repente, foi resgatado por Conde e as emoções começaram a correr quentes e pesadamente entre os dois.

Há muito, os Feiticeiros ataram os Demônios à terra na qual residem, mas com a ajuda de Conde os demônios escaparam e com o Cristal. Sem o Cristal, os feiticeiros perderam seu poder, e necessitam de Inaeus para recuperá-lo, mas com Conde como a suposta convocadora, quem sabe o que acontecerá e que respostas serão desentupidas…

Capítulo Um

Inaeus se obrigou a abrir as arenosas pálpebras, ocultando um bocejo com suas mãos. O sonho lhe tinha vindo. Outra vez. Tirou a boina de couro e passou os dedos por seu enredado cabelo.

- Maldição, murmurou endireitando seus doloridos ossos. Tremeu. O fogo havia morrido horas antes. Hora de começar outro dia, Filvar.



Seu cavalo fez um aborrecido relincho na escuridão.

- É uma miserável e velha besta.

O rápido feitiço de fogo acendeu os novos raminhos secos que tinha empilhado em um ordenado monte. Esfregou os dedos. O calor fez que sua pele tilintasse. Almas para tomar o café da manhã, jantar e chá. Concentrou-se e mais almas encheram o cubo de água. Tantos feitiços em tão pouco tempo. Estava esgotado.

As almas, descritas pelo Valerion como unidades de feitiçaria, rugiam através de sua mente igual a pequenos animais selvagens. O esforço para conjurar as brilhantes e sussurrantes criaturas era sempre difícil e perigoso. O Cristal tinha suportado, protegendo sua mente. Ainda o assombrava que pudesse formar feitiços, agora que o Demônio tinha o Cristal.

Ficou olhando seu reflexo capturado na água transparente do cubo. As chamas dançaram contra suas embotadas feições. Esfregou o áspero queixo enquanto os pálidos olhos azuis brilhavam na luz produzida pelo pequeno fogo. Trinta e nove anos.

- Sinto-me com quase cento e sete, murmurou a sua enxuta cara. Só me chame de Pendagon.

Desenhou-se um sorriso em seus lábios ante o pensamento do Patriarca da Primeira Liga.

Inaeus esfregou os restos de sujeira trazendo vitalidade aos seus olhos.

- Não. Ninguém é tão velho.

Filvar empurrou seu ombro, exigindo do homem que lhe deixasse beber. Inaeus suspirou e afundou sua taça na água fria, dissolvendo a imagem.

- Aqui, plantou o cubo no chão e o afastou quando Filvar o empurrou com seu rajado e prateado focinho. Podia fazê-lo sem um bufo.

Inaeus se levantou, contemplando o escuro céu cinza antes de voltar a olhar o cavalo quando bufou e bebeu ruidosamente. A água fria fervia até transbordar do cubo, quase ensopando Inaeus.

Um banho quente seria muito bem-vindo. Deixando-se ir durante horas, enquanto suaves mãos massageavam o cansaço de seus ossos. O que não daria pela segura carícia de uma mulher. Piscou e pôs de lado esses pensamentos.

- O que foi isso? Filvar levantou sua ampla cabeça do cubo, movendo as orelhas.

A boina de fino couro cortou através do silencioso ar. Tinha ouvido o som antes.

- Arpías!

Inaeus hasteou sua espada. Odiava as Arpías. O Demônio sabia.

Carbonizadas, asquerosas e detestáveis coisas.

Alguém pousou brandamente no ramo da árvore sob a qual tinha dormido. Inaeus saltou ao redor. Olhos sangrentos, brilhando na escuridão, fixos nele com um frio olhar. A arpía flexionou suas mãos de afiadas garras e pregou as asas sobre as costas. A trepadeira, sinuosa cauda era lhe hipnotizante enquanto varria ociosamente de trás para frente... e de trás para frente... entre dois ramos enegrecidos.

- Olá, Inaeus.

Seu agarrão se apertou sobre o punho da espada, levantando a ponta para encontrar-se com sua inimizade. Ignorou o apertado nó de temor em seu estômago. Pressurosas almas entraram no metal. Quantas podia enviar esta vez o demônio? Seis? Oito?

- Bom dia, murmurou.

O relincho de Filvar lhe disse que estavam chegando mais e se voltou.

Outra arpía se deslizou dentro da luz do fogo, sua língua passou sobre os gretados lábios.

- Você morrerá hoje.

Inaeus forçou um sorriso.

- Muitas de vocês já me disseram isso.

- Todas não podem estar equivocadas, murmurou a primeira arpía.

O ar se encheu com asas, pés e enxofre. Inaeus repartiu golpes a direita e à esquerda. Só se guiava pelo instinto no asqueroso tecido dos corpos das arpías que o rodeavam. Aço atravessando a carne, um rastro de fogo prateado dispersando-se sobre a dura terra. A espada abriu passo através das oleosas asas. Um matagal de membros se estrelou contra o chão. As criaturas gritaram. As garras dos pés rasgaram seu ombro, destroçando pele e músculo. Inaeus chiou os dentes contra a forte dor.

De algum lado podia ouvir os gritos de Filvar.

Seu cavalo não. Algo menos seu cavalo.

Seus músculos lutaram contra a tensão de sua espada presa na confusão do sangue das arpías. Afiados dentes rasgaram suas pernas, seus dedos, sua cara. A briga não ia bem.

A espada estava escorrendo de suas mãos. O fresco poder se estendia de seus dedos rasgando a robusta carne. Inaeus gritou quando seus pés deslizaram e caiu ao chão em uma confusão de asas e sangue. Os corpos formaram redemoinhos sobre ele, golpeando e propagando-se. Afogou-se quando o lodo entrou em sua boca aberta, lhe obstruindo as fossas nasais.

Uma oleosa asa sufocou seu rosto, prendendo-se a sua pele, entrando em sua ofegante boca. Lutou por respirar. Não podia, não morreria. Desfez-se da corroída pele, fazendo-a pedaços para afastá-la. Afiadas unhas cresceram de seus dedos e as brandiu as cravando em um braço. E foi premiado com um grunhido de dor humana.

- Menos mal que o consegui, murmurou uma voz familiar.

Inaeus limpou a sujeira da cara.

- Conde? Ficou olhando.

- A mesma, a mulher afundou uma estaca de prata no crânio de uma moribunda arpía depois se estirou para outra que avançava astutamente sobre o corpo de Inaeus. Agarrou-a pelo pescoço e o torceu. Sua cara era um sorriso de completa satisfação quando os ossos se racharam e finalmente se romperam.

Ela o olhou.

- Vê-se como a merda, Inaeus.

- Obrigado.

- De nada.

Lentamente, Inaeus ficou em pé, o lixo e a pele se deslizaram para gotejar na terra.

- Filvar! Procurou o animal na escuridão.

- Não se preocupe, disse Conde deslizando-se pelo fogo. Esse cavalo se esconde igual a se ocultam as botas velhas. Remói como um cão diabólico - seu sorriso era feroz - As arpías não terão nenhuma oportunidade.

- Como...? Seu débil braço se estirou para os numerosos corpos mortos estendidos no chão ao seu redor. Por quê...?

- Tão claro como sempre - disse ela. Ainda sou uma feiticeira, Inaeus. O Executor... você... não poderia afastar de mim ainda quando me cindiu do Cristal - ficou olhando as arpías mortas. Só

tive que trocá-lo por minha fiel estaca. E por quê? Bom, não podemos ter o Demônio mordiscando esse halo dourado teu, ou sim?

Conde a limpou sobre a perna de suas ocultas calças então sustentou a lasca de metal de modo que cintilasse na luz do fogo. É muito mais eficiente que essa tua espada. Um condutor de energia muito melhor - seu sorriso era travesso. Mais pessoal. Luz de fogo.

Ela voltou a lhe olhar.

- Necessita ajuda?

- Não. Estou feliz sangrando aqui mesmo.

- Só doze arpías Inaeus - recontou Conde. Vais cair. Seus fortes braços o sustentaram ante o fogo, empilhando os lençóis atrás de suas costas para lhe sustentar. Abriu sua mão e um frasco cheio de um viscoso líquido verde apareceu em sua palma. - Passei tempo nas Ilhas Outer confraternizando com bruxas, aprendendo poções e artes de cura em vez dos puros pensamentos de feitiçaria. Assombrado?

- Por que deveria? Quando te conformastes? - Aceitou o copo. - Funcionará?

- A anciã me mostrou como mesclá-lo dizendo se era para matar ou curar. - Assim contente ela o entregou com um doce sorriso. - Quer que te tampe o nariz?

Inaeus se surpreendeu de sentir o velho ardor de irritação em seu estômago. A mulher era exasperante.

- Acredito que posso me arrumar com isso, obrigado.

A poção cheirava a árvore podre. Concentrou-se em fazer descer por sua garganta tanto do líquido como fosse possível. Confiava nela. Não o salvaria das arpías só para lhe envenenar. Assim ele esperava. Inaeus ofegou sobre os últimos restos.

- Isso foi asqueroso, resmungou entre os apertados dentes.

- Estou impressionada, disse Conde. - Não são muitos os que podem beber tudo de um só gole, - lançou o copo ao ar e o observou desvanecer-se com um tênue pop.

- Teatro, - franziu o cenho - sempre tem que mostrar seus truques.

Conde se estirou para lhe tirar um fragmento de pele escura que tinha caído em sua bochecha. Seus dedos riscaram um atalho descendo pelo crescente pelo. A luz do fogo piscou sobre a pálida cicatriz que corria sobre o dorso de sua pálida mão branca. Fogo de Demônio. Irreparável. Seus dedos tentaram tocar a borda da chapeada pele, mas uma lenta lassidão estava flutuando através do seu corpo, abrandando seus membros e liberando-o da dor.

- Barba, Inaeus? - sua voz parecia suave, distante. Desejaria poder ver seus olhos dourados. - Isto não é como você.

Seu sorriso cresceu nublado na luz do fogo.

Quentes lábios acariciaram os seus, lentos seguros. Provou a Conde e seu sangue palpitou.

Ela nunca o havia tocado dessa forma. Era um sonho induzido pela estúpida poção? Aprofundou o beijo, mas não podia mover seus braços e aproximar-se. Não podia.

- Inaeus, sua melosa voz o transpassou.

Gemeu quando brincalhões dedos se deslizaram ao longo da ereção que empurrava contra suas calças.

- Esperava que você e eu nos convertêssemos em conhecidos, - sua firme carícia o fez ofegar - mas tenho trabalho a fazer.

E então seu toque se foi. Durante um momento, a velha dor o encheu, mas não podia lutar contra o forte peso das suas pálpebras.

A consciência começou a esfumar-se.

- Agora descanse, ela levantou a cabeça e a amorteceu com uma suave pele. Eu me ocuparei de Filvar.

Inaeus caiu em um vertiginoso sonho.

Capítulo Dois

Inaeus permaneceu esperando fora da câmara principal, um enfeitiçado lugar onde só tinha permitido entrar o Concílio de La Liga. Um jovem pajem evitou seu olhar, suas magras mãos estavam torcidas.

Todos os de Arcaider conheciam o ladrão do Cristal. Agora ele, como Capitão do Guarda, havia aparecido ante os Patriarcas.

Inaeus tinha aceitado sua culpa e estava preparado para a pena.

O pajem abriu as portas e a nodosa mão do Pendagon chamou Inaeus para a cadeira central. Quando tinha comparecido nessa câmara outra vez? Duas vezes em sua vida, era já um estranho privilégio. Assim Inaeus não podia fazer nada…

Seu olhar foi sobre os nove tronos de ébano cavados na ornamentada parede. Sete deles estavam vazios. Cinco Patriarcas perdidos e dois, Lorde Meyjes e Nugent estavam só meio vivos. O Concílio era velho, tão velho que seus membros não podiam suportar a perda do apoio do Cristal. E sem o Cristal, A Liga de Feiticeiros cairia. Eram os únicos que tinham prendido os demônios e assegurado a terra. Sem eles… Inaeus sentiu um nó no estômago. Sem eles, os demônios governariam outra vez. O ar cheirava a mofo, antigo com velhos feitiços e encantamentos. Pendagon estava curvado igual a um animal espancado sobre seu frio e brando trono, um cansado ancião usando radiantes roupas.

- Capitão Inaeus, sua voz rasgou o agudo silêncio da câmara.

- Meu Senhor Pendagon, assentiu Inaeus com a cabeça. Seu olhar se voltou por volta de um dos outros cansados anciões que se agrupavam na quinta cadeira. Meu Senhor Ratelband, Inaeus adotou a postura formal, as mãos juntas atrás das costas.

Sustentou seu anel de ouro de Capitão em um punho fechado. Já não merecia usá-lo.

Pendagon deixou escapar um cansado suspiro.

- O Demônio Conde pegou o Cristal. Sem ele, tudo isto…- seus dedos se torceram acariciando o braço da cadeira em um lento ritmo- …será destruído. Conde a traidora. As lembranças piscaram, mas Inaeus as obrigou a retrocederem.

- É o mesmo Demônio? Pensava que eu… - Você não matou ao primeiro que ela convocou. E isso provocou que fosse mais fácil lhes convocar, Pendagon cuspiu as palavras e se deteve com dificultosa respiração. Ela quer nos destruir, Capitão Inaeus. Seu Demônio deverá ser detido antes que volte na próxima lua cheia e libere a Horda.

- Entendo Meu senhor, endireitou os ombros. O buraco aberto na parede com os nove tronos lhe recordou sua culpa. O Cristal tinha estado ali, sem que o incomodassem, durante meio milênio.

Havia trazido Conde à Liga. E assim foi como ela retribuiu... destruindo tudo ao que ele era leal. - Era meu dever proteger o Cristal. Falhei. E estou preparado para o castigo.

- Agora não é momento para heroísmos, Inaeus! A irritação cruzou as murchas feições de Pendagon. Conde não é de confiança. Do instante em que cruzou as portas da cidade as manchou com sua carência de respeito pela Liga e suas leis.

Ratelband assentiu.

- E dos Patriarcas que só desejavam guiar seu poder.

Inaeus não pôde conter as palavras.

- A princípio Conde foi uma oficial exemplar...

Os duros e escuros olhos de Ratelband se fixaram nele e um algo desconhecido brilhou ali.

- Sim. Foi próximo a ela, não é assim, capitão?

Inaeus se ruborizou.

- Nossas filas proibiram...

- Você sempre negou, tirou um artrítico dedo e curvou o lábio. O Patriarca se deslizou para trás em sua cadeira e uma dura luz atravessou seu rosto. E ainda vejo a maneira em que babava por ela.

- Ratelband! O rugido de raiva tirou o fôlego de Pendagon. Estava apertando os dentes visivelmente contra a abrupta dor, uma curva mão pressionou seu oco peito. Agora não é o momento. Conde agarrou o Cristal. Não podemos permitir lhe governar, em meu, em nosso lugar. Nós somos o Concílio. Somos eternos.

Pendagon fechou os olhos.

- Você ainda tem sua magia. Por quê? - Não sei. - O ancião tentou endireitar seu curvado e debilitado corpo. - Assim deixe isto e me devolverá o Cristal. Está autorizado a matar a qualquer ou algo que se interponha em seu caminho. Seus olhos se abriram. E isso inclui seu antigo segundo no comando.

Algo formou redemoinhos ao redor do Primeiro Patriarca e alagou facilmente através de Inaeus. Uma escura nuvem formada de pequenas mentiras embotadas fundidas com o antigo poder que o cobria. Seu murcho rosto se voltou e faiscou, uns claros olhos azuis sangraram dentro de uma espessa negridão e se perderam nos desvanecidas dobras de pele...

- Inaeus... - A voz de Conde.

Despertou de repente. Centrou-se no brilhante branco de um céu ao entardecer. Suas pálpebras se fecharam outra vez. Inaeus estava seguro de ter ouvido... algo. Um eco de sons murmurando através de seu cérebro. Algo. Alguém. Não. Foi-se.

- Conde?

Os dedos provaram seu ombro direito onde os pés da arpía tinham esmigalhado pele e o músculo. Inaeus, surpreso, retirou a fina camisa. Contemplou sua pele e um sorriso curvou seus lábios.

- Conde, sua poção de bruxaria funcionou!

Não houve resposta.

Inaeus ficou em pé. O escuro vulto à sua esquerda tinha que ser Filvar. O que tinha se passado com essa asquerosa beberagem? A dor partiu finalmente de seus cansados ossos. Seus músculos estavam fortes pela primeira vez em anos.

- A Liga tem um decreto para proibir a bruxaria, murmurou quando expôs seu antebraço ao frio ar e encontrou a pele cicatrizada. Isto é muito poder.

Filvar soprou brandamente atraindo sua atenção ao cavalo que pastava no fundo. O animal levantou a cabeça quando Inaeus se aproximava, abrindo um brilhante olho dourado.

- Também está bem, não é verdade, velho amigo?

Filvar pastava aos seus pés, sacudindo as folhas e ramos de seu grosso casco. Um escuro casco escoiceou o montão de brilhante e fresca erva que tinha brotado do sangue de uma arpía assassinada por Conde. Cheirou-o com cautela antes que seus amarelados dentes o mordiscassem arrancando o da terra. Filvar elevou o olhar, mastigando pensativamente. Seus olhos se fecharam. Quase estava sorrindo.

- Onde está a mulher? Inaeus escaneou o desolado descampado. Não havia nada exceto o cinza, poeira, enegrecidas árvores, silêncio. A Conde, não a via.

- O que lhe passou? Observou ao Filvar agarrando outro punhado. E você, não ajuda.

O animal continuou pastando, ignorando-o tranquilamente.

Capítulo Três

Filvar golpeou com facilidade em um meio galope, estirando os sãos músculos, desfrutando do exercício.

A presença do Demônio ascendeu as bordas da consciência de Inaeus, com uma pulsante e incandescente luz. Contudo, de algum jeito, era diferente. Ele queria cortar a distância com o monstro. Não estava seguro do dia, nem sequer do ano. A poção de Conde podia lhe ter mantido adormecido durante mil anos, enquanto seu Demônio desatado cruzava a ilha. Inaeus olhou fixamente o longínquo horizonte, tentando se concentrar no ponto que cruzava o amplo caminho. Podia perder a si mesmo por só uns poucos segundos. Conde, a mulher selvagem. Conde, a traidora. Por que o tinha ajudado? Sanado suas feridas? Não tinha sentido. Não quando ela estava em guerra ao lado desses monstros.

O vento sobre sua cara era raivoso enquanto o cavalo avançava no seco caminho. Com a volta da saúde, viu que seus pulmões doíam por algo mais que o desolado sabor rançoso do ar envelhecido.

Um repentino sufoco o dobrou sobre a sela e puxou as rédeas com força. Filvar protestou pelo brutal puxão. A mão enluvada de Inaeus agarrou sua garganta, tentando controlar os espasmos que rasgavam através dos músculos. O vômito se elevou. Isto era mais que um aroma. A putrefação de uma desmantelada casa era quase evidente.

- O que é isso? - ofegou Inaeus. Seu cavalo também podia cheirá-lo, suas fossas nasais tremiam. Filvar começou a afastar-se.

- Inaeus…

A voz era um sussurro sobre os fortes ventos. Girou-se ao redor, tentando captar mais disso.

- Inaeus…

Deslizou-se descendo da garupa de seu cavalo.

- Quem é? - outra vez seu nome, mais débil, de algum modo mais urgente. Onde está?

Ignorou a tentativa de Filvar de lhe reter puxando do pescoço de seu puído casaco com amplos e amarelados dentes. Zangado, Inaeus se liberou de um puxão e abriu passo entre as

densas e espinhosas árvores que delineavam o caminho. Tirou a espada de sua bainha. Inaeus obteve um pouco de alivio ante o fato de que o enorme cavalo tivesse decidido lhe seguir. O fedor cresceu. Inaeus apertou sua luva tampando o nariz e a boca, se fechando contra o putrefato e pestilento aroma das águas residuais. Abriu caminho a cotoveladas através das árvores.

Só havia o instinto de seguir. Tinha que acreditar que se movia na direção correta. Inaeus irrompeu em uma clareira que olhou fixamente.

A terra, as árvores, de algum jeito até o ar, palpitavam com uma opressiva escuridão. Esta gotejou como um lento rio dos ramos. O tempo discorreu com mais lentidão.

Esferas penduradas no ar. Feitiçaria. Alguém, ou algo, vertia centenas de feitiços atrasando os efeitos corrosivos do lodo. Inaeus observou uma borbulha negra sobre sua folha e que se desvaneceu em um nada. Enfeitiçou a espada para abrir caminho. Respirando profundamente, vadeou a gordurenta massa de água. O lodo se afastava retrocedendo ante o metal.

- Inaeus…

A voz soava próxima.

- Onde está?

- Ajude-me…

Inaeus remontou seu caminho para um espaço enorme de escuridão que rapidamente se sustentava no centro do claro. Brandiu sua espada afundando-a na negra espessura, sem saber o que desentupiria. Um jorro de acre fumaça estalou do buraco que tinha aberto sua espada. Uma perna? Uma perna humana? Ele reforçou os feitiços que alimentavam o metal. Outra perna. Um torso. O coração do Inaeus saltou. Ele reconheceu o velho casaco. O braço.

Com dedos cuidadosos, afastou o lodo de seus frios traços.

- Conde.- Ele sacudiu a cabeça. Seu polegar se deteve em sua bochecha.- A quem está zangando agora? Está louca. Ridícula. Não tinha ouvido de ti…

- Está divagando, Inaeus.

Ele se ajoelhou, fazendo uma careta quando o lodo se filtrou em seus joelhos.

- Tenho direito de fazê-lo. - Sua mão enluvada eliminou o lodo de suas fossas nasais e boca e arrancou a mucosidade que obstruía seus olhos. Levantou-lhe a cabeça tirando-a da escuridão com um doentio chapinho. - Pode se sentar?

- Não sei.

- O que acreditava que estava fazendo, Conde? - perguntou enquanto limpava o lodo com a espada, fazendo mais fácil para ela separar-se da intensa e obscura prisão que a aspirava da negra imundície.

- Há um braço aí - disse ela, sem responder a sua pergunta.

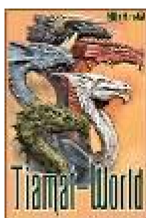
- O braço de quem?

- De Pendagon! De quem você acha? De um Demônio, é obvio.

- Chamando a outro para ajudar ao que convocou? - um fogo lhe queimou as tripas e o separou dela. Ela era a antiga Exon Conde, uma vez sua valiosa segunda no comando. - Como pode sua ambição justificar isto? - perguntou, agitando o braço ante o horror que os rodeava.

Ela ficou em silêncio.

O mesmo silêncio que tinha mantido em seu julgamento dois anos antes. O processo que, no final, expulsou-a da Liga por convocar ao primeiro demônio em mais de quinhentos anos. Ela não tinha dado defesa alguma por criar uma entrada pela qual o Demônio poderia entrar no Arcaider dos Mundos Subterrâneos. Conde tinha estado de pé no banquinho dos acusados, com os



braços atrás das costas, os olhos dourados nublados, quase sem vida. As provas contra ela eram aniquilantes. Como seu juiz, Inaeus lhe tinha dado cada possibilidade legal de defender-se. Encontraram os volumes proibidos de Los Escuros selados em gretas do seu barraco. As marcas de sangue se estendiam ao redor da sala de oficiais em que ela tinha estado na noite em que o Demônio tinha aparecido. A sufocante escuridão havia coberto as paredes. O fedor lhe tinha feito ter náuseas. O mesmo Pendagon, chamado como testemunha perito, declarou que tudo aquilo eram os sinais de um Demônio convocado.

O silêncio de Conde só tinha intensificado sua culpa. Despojada do título de Exon, Conde foi desterrada às Ilhas Externas.

E agora ela retornava justamente quando o Cristal era roubado.

- Acreditei que tinha um pouco de decência em ti, Conde. Foi uma boa oficial,- fez uma pausa e a velha dor lhe transpassou. Sua traição ainda doía. - Foi minha amiga.

Ela estava de guarda na noite em que chegou o Demônio. Ofereceu-se voluntária.

Ele justamente acabava de voltar de outra Prática de Aprendiz nas montanhas. A quinta em três semanas. Estava esgotado, ainda assim ainda tinha seus deveres de guarda. Tinha considerado seu oferecimento um ato de bondade. Obviamente Conde tinha necessitado da solidão da sala de oficiais para seus conjuros.

- Estava equivocado contigo.

Conde levantou o olhar, sua cara melada pelo lodo.

- O quê? Você, Ineaus? Equivocado?

Seu peito se contraiu ante seu impenitente olhar.

- Por que o tinha feito? Como poderia um Demônio servir à ambição de alguém?

- Pensa o que quiser, resmungou Conde. Tentou esfregar a escuridão dos dedos, deixando uns sujos sulcos com as unhas ao longo da palma. Sacudiu a sujeira da mão, observando-a voltar para o montículo que a rodeava. Estirando as pernas, elevou a vista a Inaeus. Obrigada – disse. - Irei agora.

- Ah não, arrastou as palavras. Quero respostas.

Conde ficou de pé por si mesma, mas agarrou a cabeça.

- Não tenho nenhuma resposta, Inaeus. Arrumou-se para estabilizar-se se agarrando pela rédea de Filvar, o cavalo lhe tinha devotado sua força com um puxão de sua enorme cabeça. Conde sorriu agradecida.

- Nenhuma resposta? Encontrei-te enterrada nesta opressão negra... a mesma matéria que encontramos na sala de oficiais... com isto. - Sua espada apunhalou o grosso braço com garras, arrastando-o até a altura do peito e segurando-o à áspera luz. Tinha que ter de mais de um metro e trinta e sete de longitude. Com feitiço de metal queimando através da espada, aproximou-o de sua cara. As translúcidas escamas pulsaram e piscaram. O espesso sangue negro, filtrou-se do corte da união. -E você não pode me dizer nada?

- Sou culpada de tudo o que alguma vez pensou, disse ela desembaraçando seu cabelo castanho avermelhado com uma mão livre.- Sim, envenenei a ViKettes Harmon. Ancião asqueroso. Sim, tratei de incendiar a biblioteca. E se crê que estava convocando aqui um outro Demônio, então, sim, também estava fazendo.

- Conheço-te há treze anos e nunca obtive uma resposta direta de ti ainda.

- Quer uma razão para tudo isto?

- Sim!

- Não posso lhe dar isso Inaeus.

Inaeus apertou os dentes com frustração.

- Pode, ao menos, me dizer se agora há dois Demônios?

- Só há um.

- O mesmo?

- Sim.

- E este braço?

Conde ficou em silêncio.

Ele golpeou o dorso de sua folha.

- Olhe Conde - sacudiu a mão sobre as botas dela, afastando-se da imersão da corrosiva escuridão, das coaguladas feridas, de seu exposto braço. Inaeus esmagou a compaixão que queria elevar-se nele ante a corrente de malha cicatrizal coberta de lodo. Ela não era digna de compaixão. Agora ele a tinha agarrado em seu mal. Desalinhada, reduzida, uma vagabunda. - Seu plano de governar a Liga está no caos.

Ela encolheu de ombros. Com a ajuda de Filvar, se arrumou para caminhar devagar até a borda da clareira, o ignorando. Em sua esteira, o negro lodo salpicava a terra.

- Porque não deixou que as arpías me matassem?

Inaeus encontrou seus olhos de ouro o contemplando. Durante um instante, pensou ver uma piscada de dor em sua frieza, mas depois se foi. Imaginação.

- Você luta com honra, Inaeus. Não merece essa morte.

- Não. Você quer que morra à mãos do seu demônio - seu sorriso era uma careta quando cravou o braço, fascinado pelo lodo que se filtrava pelas lesões. - Perdão, Mão - corrigiu ele.

- Maldição, Inaeus, não te quero morto! - Conde deixou escapar um ofegante suspiro. Ela se deixou cair nos afiados ramos dos próximos arbustos, seus olhos se fecharam. Com um braço segurando o estômago. Com uma diminuta mão cobrindo seu rosto. - Sou má. Sempre soube. - Sua mão caiu apartando-se e um nervoso sorriso moveu as esquinas de sua arredondada boca. Abriu um dos olhos. - Sempre soube. Mas realmente nunca fiz mal a ninguém.

- Alguma vez fez mal a ninguém? - Inaeus não podia acreditar no descaramento da mulher. - A ilha está morta. Milhares de homens, mulheres e meninos morreram, estão morrendo...!

- Essa não fui eu! - Conde se deixou cair relaxada no arbusto, tomando lentas baforadas de ar e evitando seus olhos. - Tenho que ir. Não posso ficar aqui.

Quando tentou ficar em pé, seu corpo se derrubou. Inaeus a agarrou antes que se golpeasse no duro chão.

- Você não vai a nenhuma parte.

Capítulo Quatro

Inaeus observou o familiar rosto, os delicados e lisos traços ainda lhe recordavam os de um gato selvagem, meio alerta embora ela fosse inconsciente disso; um de seus tutores tinha comparado sua mente, meio grosseiramente, com uma armadilha de aço. Conde tinha uma estranha habilidade, nem um só pensamento escapou alguma vez de sua mente. Nunca ninguém sabia o que acontecia naqueles desconcertantes olhos dourados.

Estirou os dedos e os contraiu para não tremer.

- De acordo, posso lhe fazer tirou o casaco, limparia-o depois, agora era mais importante conseguir limpar o mofo escuro e oleoso da sua pele antes que pudesse lhe fazer mais dano; teve dúvidas sobre o cordão de sua imunda camisa. Inaeus deixou escapar um lento suspiro e ignorou o endurecimento de seu pênis. Sim, esta era uma Conde diferente, sua fila superior sempre o tinha contido, não era que não tivesse pensado em tê-la. Um sorriso se estendeu em sua boca.

Tinha pensado.

Muito.

Não podia ter estes pensamentos, ela precisava ser asseada.

Inaeus soltou os cordões e lhe tirou a camisa pela cabeça, a escura sujeira manchava sua pálida pele. Os feitiços debruavam sua visão com prata e os colocou à força no velho tecido que encontrou no fundo da sua bolsa, os feitiços se levaram sua força com eles e lhe doeu nos ossos profundamente.

Esfregou seu pescoço, peito, agradecido de que seus seios só necessitassem de uma limpeza superficial, não pôde deter a breve risada que brotou dele, tinha sido camarada da maldita mulher, mas nunca haviam se tocado e asseá-la tinha o Inaeus mais nervoso que enfrentar algo que o Demônio pudesse lhe lançar.

O tecido quente se deslizou mais abaixo, limpando as raias de sujeira através do seu estômago.

Estas roçavam a borda das suas calças.

- Não é como se não tivesse te visto antes nua - resmungou, puxando os laços, centrando-se só no tecido, limpou-lhe os quadris, baixando sobre seu pelo púbico loiro avermelhado e movendo-se as suas coxas, baixou-lhe a calça e lhe tirou as botas.

Sua pele guardava um fogo sob a esteira dos feitiços que aguentariam o calor até que pudesse vesti-la de novo.

Inaeus se tombou sobre a suave pele e tocou suas costas, então enfrentou à tarefa de tocar suas cicatrizes. Teve que esfregar a sujeira que havia na borbulhante pele da mão, braço e estendendo-se através da sua omoplata.

Esmagou a compaixão que se alojava no estômago, Conde tinha atraído isto para ela.

Seu desejo de poder tinha convocado não um e sim dois Demônios.

Arrastou um dedo sobre o arranhão de sua pele arruinada.

- Deveria te odiar.

Mas era impossível. Tirou uma roupa da bolsa.

Não estava exatamente limpo, mas a camisa e a calça estavam destroçadas.

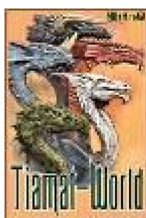
Vestida e estirada sobre suas mantas, parecia indefesa, quase frágil. Sorriu ante o pensamento. Fragilidade? A mulher que tinha lutado com urso como um menino com seu povo da montanha? Nunca tinha acreditado nesse mito até que ela demonstrou. O que quer que tenha estado fazendo nessa clareira a tinha debilitado. Possivelmente finalmente conseguiria algumas respostas.

- Pensa muito alto.

- Como se sente?

- Deve ser toda aquela honra e dever, -refletiu Conde. - Sua mente é tão irrepreensível,que grita.

- Como se sente? - Repetiu ajudando-a a sentar-se, subindo as mantas para que apoiasse as



costas. Os olhos dourados o olharam.

- Limpa,- esboçou um sorriso e a mão se posou sobre sua mandíbula. - Bem.

Filvar rompeu o momento, pondo a cabeça sobre a mulher. Conde afastou o nariz do animal da sua cara.

- Deixa de preocupar-se tão excessivamente por mim Filvar, - resmungou ela. - Espere.

Fulminou com o olhar ao cavalo quando brincando ele lhe retorceu uma parte de cabelo.

- Sim estou bem Inaeus, disse. Poderia conseguir afastar este tolo cavalo de mim?

- Sempre sentiu devoção por ti.

Ela se abrandou e arranhou o grisalho nariz de Filvar, a besta soprou com prazer.

- Então não tem o sentido com o qual nasceu - aceitou a taça de água fria, o pão e o queijo que Inaeus lhe ofereceu.

Um suave sorriso se desenhou em sua boca quando mordeu uma das delicadas fatias.

- A comida de seus feitiços é sempre melhor que a minha.

- Certo.

Para sua surpresa, viu sua cara iluminar-se quando uma lembrança lhe encheu a mente. Ela olhou ao redor para compartilhá-lo, até que encontrou seu olhar fixo e o humor desapareceu de seus olhos.

- Isto não é minha morte, suspirou removendo a terra seca. Nunca fiz algo assim, meu Demônio não roubou o Cristal, riu. Meu Demônio, outra mentira.

- Você? Declara-se inocente?

- Você virtualmente me rogou que o fizesse no julgamento, “Não há nada, nada absolutamente, que queira oferecer ao Concílio em sua defesa, Exon Conde?”- Citou, sua voz tomando o profundo tom de Inaeus, acrescentando um profundo sarcasmo. - Queria sair da Liga e o julgamento era um caminho fácil. Só a morte era o outro caminho, tomou um forte fôlego. E não estava pronta para isso.

- Não poderia ter conjurado o primeiro Demônio, Inaeus. Coloquei-me com as bruxas nas Ilhas Externas, são sodomitas herméticas. Mas fui para aprender um pouco do método de uma anciã; se necessita de um condutor de imenso poder para trazer para uma criatura assim, ela o chamou O Olho - Conde encolheu de ombros.- Vendo-o em ambos os mundos, suponho, disse que nós lhe chamávamos o Cristal - se inclinou para diante. Inaeus, o Cristal estava protegido pelos Feitiços dos Antigos.

- Pendragon declarou que havia outros métodos de convocar um Demônio; o Voto de Valerion exigiu seu silêncio, ela suspirou. - Não me acredita.

Passou a mão através do cabelo castanho avermelhado, parecendo surpresa de encontrá-lo limpo.

- Por que pensei que seria diferente? Sempre confiou na Liga antes de acreditar em mim.

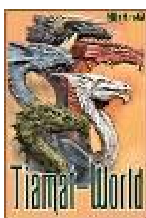
- Isso não é verdade.

- Então porque é tão cuidadoso examinando estas mantas?

Inaeus se forçou a enfrentar esses olhos dourados. Ela tinha sido parte da Liga, uma brilhante, embora pouco ortodoxa, oficial. Quando violou sua Lei mais sagrada, foi impossível apoiá-la, e logo o Conselho lhe tinha escolhido, como o Capitão do Guarda, para ser o juiz em seu processo, Tinha visto ela como uma traição?

- O que estava fazendo na clareira? - Perguntou brandamente.

Um sorriso curvou seus lábios. Conde levantou o braço, empurrando a grosa camisa e



expondo seu braço mutilado à fria luz do céu do entardecer. Inaeus tentou aplacar sua mente contra a crescente lembrança.

E falhou.

O pátio ardia com o Fogo do Demônio, uma forma torcida que se arqueava dentro de sua massa branca brilhante. Uma besta de pesadelo com distendidos membros, uma explosão de garras e afiados dentes. Em algum lugar estavam os olhos, em algum lugar uma boca. Tirou a espada da bainha e o suave deslizar do aço no couro atraiu a atenção da besta.

- Monstro! Conde cambaleou saindo da sala de oficiais. Venha e consiga o outro braço! Ela levantou seu membro, este era uma corrente de carne chamuscada pelo fogo. A malha ainda fumegante se estendia rasgando-a do pescoço até o pulso. Fogo de Demônio, irreparável. A criatura investiu para diante, Inaeus não parou para pensar, com um feitiço chiando o metal, laçou a espada no Demônio, o aço se afundou até o punho na coluna do Demônio, a besta gritou caindo com dor na noite.

O Conselho o declarou morto.

Estavam equivocados.

Os suaves dedos de Conde percorreram a arruinada pele chapeada e o regenerado tendão.

- Necessitaram-se anos de paciente feitiçaria para construir o novo músculo, a pele nunca se curará, nenhum feitiço pode fazê-lo. Um braço por outro braço, Inaeus, um Demônio tirou o meu, seu sorriso era sério, cobrei minha vingança.

- Convocou um monstro só para isso?

Conde cobriu brevemente seu cansado rosto, apertou a ponta do nariz.

- Não está me escutando, é uma perda de tempo, vou - blasfemou pela debilidade nas pernas quando se negaram a sustentá-la. Inaeus a fez sentar-se outra vez, suas firmes mãos pressionando-a contra o chão. Tinha que obter a verdade enquanto estava muito fraca para evitá-lo.

- Por que não tem nem um arranhão?

- O Demônio era puro Fogo na primeira vez, agora, com o Cristal, a coisa era tão sólida como eu...- seu olhar era zombador- ... ou você.

- E só se aproximou e lhe arrancou o braço?

- Algo assim.

- Conde, o que aconteceu a sala de oficiais?

- Este não é meu julgamento!

- Como se supõe que vou te ajudar se não me disser a verdade! - exigiu, fulminando-a com o olhar.

- Inaeus o Santo, ajudando a um Emparelha? - riu Conde. O que diria a Liga?

Deixou-se cair contra a pilha de mantas, a raiva obviamente a deixava exausta.

- O Demônio estava fraco, murmurou com um pouco de satisfação. Na próxima vez eu conseguirei.

- Conde?

Estava novamente inconsciente.

Tinha Conde mudado nos anos desde que tinha sido expulsa da Liga? Estava acrescentando a mentira à longa lista de seus pecados? Conde alguma vez mentiu e certamente alguma vez tinha mentido a ele, e ainda assim como podia acreditar sua reclamação de que ela não tinha convocado o Demônio?

Inaeus se deixou cair contra a casca oca de um carvalho morto, seu olhar subiu aos desmantelados ramos. Conde sempre tinha sido um problema, desde que a conhecia, tinha-lhe confundido, vexado e irritado. A recontagem de emoções que sentia, não tinha fim. Esmagou uma poeirenta peça de madeira entre seus dedos, estalando-os no vento que se envolvia ao redor do morto arvoredo.

Ela tinha permanecido em silêncio em seu julgamento.

Por quê?

Não podia tê-la abandonado aos elementos, fraco como estava. Uma vez, Conde tinha sido sua amiga. Ainda era um fato estranho para admitir. Durante onze anos, Conde sempre tinha estado ali, recebendo suas ordens com alguma observação ácida que indevidamente havia trazido para as caras dos jovens aprendizes o choque. Tinha-a escolhido para ser seu segundo no comando quando os oficiais superiores da Liga tinham clamado por sua expulsão.

Tinha sido o simples feito de que, de algum jeito, trabalhariam bem juntos. Por que, não podia explicar. Santo Inaeus, ele sempre sorria quando lhe pendurava essa etiqueta, a selvagem e malvada Conde.

Inaeus sentiu uma cotovelada no ombro. Filvar soprou, movendo a cabeça em advertência. Ele olhou com fúria ao cavalo enquanto caminhavam ao longo da poeirenta estrada, Conde desabou nas costas do Filvar.

Filvar sempre tinha sido ferozmente protetor com ela, mordendo e destroçando a qualquer um que dissesse uma palavra dura contra ela. Inaeus se perguntava o porquê desta fascinação. Talvez se tratasse de mentes afins, um espírito insondável dentro do seu cavalo perfeito.

- Sei que está acordada.

- Não estou, murmurou Conde.

- Logo terá escurecido - disse Inaeus, entrecerrando os olhos para o céu brumoso, vendo o familiar grupo de turvos tons cinza que agora marcavam o pôr do sol. Olhou fixamente à quietude do bosque morto que cobria a estrada, o vento sacudindo os ramos secos de um sem número de árvores petrificadas.

- Logo teremos que estabelecer um acampamento.

- Fascinante.

Inaeus olhou com fúria para o montão de peles. Tinha voltado para sua vida fazia só um dia e meio. Seu iracundo estômago atado se apertou. Pareciam com o menos outros treze anos.

Tomou as rédeas de Filvar e guiou o cavalo. Irritava-o como o inferno. Ele não estava pensando na necessidade dos outros. Como ela havia dito, tinham trabalho a fazer.

- O Cristal? Como se perdeu? Sua cabeça emergiu das peles, sua bochecha descansou contra o grosso pescoço do cavalo. Diga.

- Por quê?

- Para passar o tempo.

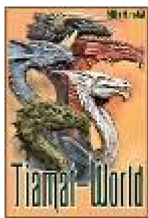
Inaeus encolheu de ombros.

- Ninguém está seguro. Tinham organizado uma caçada para te buscar, para ver se estava no Composto. Até com velhos truques.

- Isso é bom, murmurou. Suponho que não me encontraram?

- Não seja graciosa. Nunca saberá. Quer escutar isto ou não? - Grunhiu Inaeus.

- Vamos. Estou amassada. - Fez uma respiração para acalmar-se antes de começar. - Houve um grande estalo de ruído e fogo na Sala Principal. As paredes destroçadas. Choveu fogo, que



arrasava as salas circundantes. -Sua mente o empurrou de retorno a noite cheia de fumaça.

Os gritos. A entristecedora corrente de terror. Os aprendizes correndo do Demônio de Fogo rugindo sobre as lajes, chapinhando contra os muros cinzentos. Jovens capturados, assolados pelo terror, suas pernas fundindo-se no chão. Amaldiçoou Conde, amaldiçoando-a aos Sete Infernos por repetir seu terrível crime.

- Vi o Demônio brotar do pó da Sala Principal. Puro fogo. Houve um ponto brilhante de luz em seu centro, firme no caótico estrondo. De algum jeito, soube que era o cristal. Parecia... chupar... no fogo, dando ao Demônio uma estrutura mais forte que da última vez.

A imagem permaneceu.

Dois olhos arregalados olhando diretamente para ele, pareciam lhe carcomer a alma com seu ódio. Uma boca estirada, revelando fila atrás de fila de reluzentes dentes, gotejando com saliva rançosa.

Inaeus transpassou sua mente fechada contra a visão.

- Era como uma arpía...

- ... Só que mais. - acrescentou Conde inutilmente enquanto sua descrição cambaleava.

- Obrigado, se deteve. Estendeu umas asas imensas e irrompeu no céu noturno.

Cada pedaço de vegetação morreu ao seu passo.

- O que pensou o Conselho?

- Que minha espada não o tinha exorcizado da primeira vez. Que tinha estado inflamando-se na terra sob o Arcaider, esperando pela oportunidade de ser livre.

- E ninguém sabe que oportunidade lhe apresentou, voltou a apoiar a cara contra o pescoço áspero do Filvar. E eu não estava ali para que me culpassem.

- Há uma clareira por aí - disse Inaeus, apontando um lado do atalho.

Reconheceu a mortandade. O bosque era Old Cotter's Wood, a não mais de quatro léguas dos subúrbios do Arcaider. O Demônio ainda não tinha devastado essa cidade. Inaeus podia senti-lo inflamando-se nas bordas da sua mente, resmungando sobre sua ferida. Estava seguro de que representavam a única ameaça a sua existência. Tentaria destruí-los antes que finalizasse sua farra e retornasse ao centro da ilha para liberar seus irmãos.

- Ajude-me a sair, murmurou Conde enquanto Filvar se detinha no centro do largo círculo estéril.

- Como estão suas pernas?

- Ainda corroendo-se.

Ele piscou.

- É Brincadeira, Inaeus. Se necessita de mais que um pouco de pus de Demônio para me matar.

- Obviamente.

Inaeus a observou arrastando suas pernas debilitadas com o passo costumeiro abarrotado de pó, com a luz desaparecendo rapidamente na escuridão criada pelas árvores circundantes. Enquanto escutava o vento que os perseguia através dos ramos nus. Odiava os bosques.

- Algo te assusta, Conde?

Não olhou para cima.

- Sim, admitiu para sua surpresa.

Seus olhos dourados se encontraram com os seus, entretanto, parecia ver além dele.

- Uma coisa me aterroriza.

Inaeus afastou os olhos longe do seu olhar decidido. Sua mente não podia imaginar uma criatura tão espantosa para assustar uma mulher como Conde. Rastreava trolls quando era menina, rompia os pescoços das Arpías, atacou um demônio... não uma vez e sim duas vezes. Tinha que saber.

- O quê?

Ela encolheu de ombros, escovando as afiadas ramas na terra enquanto arranhavam a pele de sua calça.

- Poderia-se considerar uma coisinha tola.

- Conde...

- Descobrirá logo antes que eu morra, prometeu deitando-se e logo se negou a dizer nada mais.

- Bem, disse Inaeus. Espero que não seja nada importante.

Com prática facilidade, Inaeus levantou seu acampamento, estendendo seu saco de dormir, provocando um incêndio de madeira morta, criando os ingredientes para uma sopa que borbulhava em uma velha panela de ferro fundido. Deu uma olhada no que fazia seu cavalo. Filvar tinha seu embornal e a pesada cadeira separada de suas costas. Todos tinham que descansar durante as poucas horas de paz antes que tivessem que se mover.

Quase lua cheia.

O Demônio estaria esperando.

Inaeus revolveu a vaporosa panela, empurrando sua mente longe dos pensamentos da confrontação. Conde se sentou ao seu lado, olhando para a escuridão do bosque.

Poderia confiar nela?

Conde não tinha razão para lhe mentir. Nunca tinha tido. Já era uma Emparelha, rejeitada pela Liga. Não podia amaldiçoar-se mais a si mesmo. E Conde era a pessoa em que confiava implicitamente.

- Inaeus, se cale. Estou tentando dormir. - Conde se retorceu sobre suas mantas. - Esqueci o quão incomodo que era esse teu hábito.

- As Bruxas estavam silenciosas?

- As Bruxas tampouco confiam em mim.

- Eu confio em ti, Conde.

- Sim, sua risada era amarga, é obvio que o faz.

Deu-lhe as costas.

A luz do fogo ardeu sobre seu cabelo vermelho e ardeu por acariciar sua suavidade. Entretanto, os dedos se fecharam em sua palma.

- Ainda não pode fazer de verdade, Inaeus? Ela arrastou as peles e mantas apertadas ao redor de seu corpo. Boa noite.

- Nossa categoria esteve sempre entre nós. Inclusive agora.

O fogo rachou e cuspiu no silêncio. Inaeus fechou seus olhos. Era um idiota. Provavelmente só tinham horas para viver e ainda era incapaz de destruir as paredes que tinha construído ao seu redor.

- Honrar à Liga é o primeiro para ti. Sempre soube. - Ela se deteve.

Inaeus pensou que tinha ouvido um suspiro.

- Aceito,- golpeou o montão de peles e repousou a cabeça.- Entretanto nunca entendi. Um montão de rançosos anciões que nunca tiveram minha lealdade.

- Estou seguro de que nunca notaram.

Sua risada entrecortada o fez sorrir abertamente. Voltou a cabeça atrás, para ele.

- Pensa que fui muito sutil?

A luz titilou sobre suas suaves feições, seus olhos dourados cintilando com fogo. Como resistiu a esta mulher durante tantos anos?

- Sou um idiota, murmurou.

- Sem argumentos de minha parte.

- Conde, seu dedo pressionou contra sua surpreendida boca. - Te cale.

Ela sorriu amplamente e seus dentes morderam a ponta de seus dedos. O sangue começou a circular ao sul e empurrou suas mantas a um lado.

- Se for assim como desejas jogar, - seu sorriso era selvagem.

- Não tem ideia, Inaeus.

Sujeitou-lhe os braços sobre a cabeça e sentiu seu corpo arquear-se em resposta.

- Acredito que seria possível.

- Não tão rude. Meus ossos...

Instintivamente debilitou seu agarrão e a condenada mulher o derrubou. Montando-se sobre seus quadris

- ... Não são tão frágeis.

A irritação queimou... Mas então ela pressionou, fez um lento, lento deslizar ao longo de sua ereção e nada mais importou. Cravou os dedos em seus quadris, deixando-a que pensasse que tinha o controle. Ele sorriu e seus dedos se moveram, deslizando-se sobre a lisura de seu estômago, até que seu polegar se esfregou contra a suave pele de suas calças, justo aí...

Conde ofegou e lhe devolveu o sorriso.

- Não está jogando limpo.

- OH, se o faço. Se não o fizesse, o que faria seria isto...

Em um movimento fluido, estava jazendo em suas costas de novo. Inaeus a sujeitou contra as peles com seu corpo.

- Agora, Conde.

Seu rosto estava só a polegadas do dele, seu quente fôlego varrendo seu rosto. Seus obscurecidos olhos dourados arderam. -Jogamos da minha maneira, seu sorriso era afiado e o lento movimento de seus quadris fez que mordesse o lábio. OH, gostava de transtorná-la. - Ou não jogamos absolutamente.

- Está desfrutando com isto.

Inaeus sorriu malignamente.

- Não é esse o ponto?

Ela o olhou com fúria.

- O que acontece amolgamos esse halo que tem?

- Sabe o quê? Acredito que fala muito.

Sua boca tomou a sua, quente, úmida e áspera, esmagando-a, seus dedos trabalhando nos laços de suas calças e nos dela. Encontrou sua mão entre eles. Seria rápido e duro.

- Sim.

Ela grunhiu a palavra contra seu pescoço. Seus dedos calosos roçaram sobre sua suave pele exposta, logo baixaram e encontraram sua umidade. A ponta de seu polegar trabalhou esse pequeno vulto de carne e gemeu quando sua trêmula mão se enroscou ao redor de seu pênis.

Conde a moveu, deslizando-se, deslizando-o sobre seu úmido calor uma e outra vez.

Quente fogo branco queimou através dele. Tinha que...

- Inaeus. Juro, se não me fo...

Conde teve que deixar essa ameaça inacabada, teve que arquear a coluna, teve que gritar, porque tinha empurrado profundamente. Ela estava quente e apertada. Tão apertada. A pressão aumentou na base de sua coluna e feitiços rangeram chapeados na beira da sua visão.

- Que dem...?

Mas a boca de Conde abrasou a sua, o impulso de sua língua igualou o impulso de seu corpo. Suas mãos agarraram suas nádegas e o forçou a ir mais forte, mais rápido, seus gemidos perdidos com os seus. Mais rápido. Sacudindo-se. A boca de Conde se afastou e seu grito rompeu o silêncio. Os músculos se contraíram com força ao redor de seu pênis, arrastando-o, varrendo-o.

Feitiços irromperam sobre seu cérebro em um lençol chapeado de fogo, abrasando o ar.

Enterrou a cara no ombro de Conde e fez trêmulas respirações. Lentamente, a vertiginosa corrente se desvaneceu. Seus lábios se moveram para pulverizar suaves beijos em seu pescoço.

- Sou um completo idiota por não tê-lo feito há anos.

- Sim, a palavra foi quase um suspiro. Você é.

Inaeus riu fraco e a contra gosto se desenredou de seu corpo. Paralisou e o ar frio fluiu sobre ele. Com as mãos até tremendo agarrou as peles e cobriu a ambos.

- Feitiços? - Murmurou ela.

Seu olhar se deslizou sobre ela. Olhava para o turvo céu escuro, com a cara vermelha, mas com um sorriso ainda espreitando em sua boca.

- Algo novo para mim, passou uma mão sobre seu curto cabelo.

- Poderia ter algo a ver com o fato que estivesse tão apertada?

Isso tinha sido uma impressão. Era Conde. Uma mulher como Conde, virgem? Tratou de reprimir uma rajada de presunção. Seu rosto avermelhou ainda mais. Estava se ruborizando?

Olhos dourados cheios de fogo se fixaram nele.

- Quando isto terminar, me vou vingar por ser tão presunçoso.

- Sim, querida.

Esmurrou seu braço. Com força. Ele fez uma careta.

- Mas como, também.

Retorceu seu corpo, serpenteando debaixo das peles. Bocejou.

- Descanse Conde, murmurou Inaeus e fechou os olhos quando ela pôs a cabeça em seu peito.

Seu braço a envolveu ao seu redor, seus dedos acariciando ociosamente seu ombro. Obrigou seus olhos a abrirem-se. - Vou vigiar. Sua lenta respiração lhe disse que já estava adormecida.

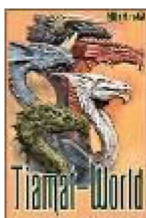
Quando isto terminar...

Inaeus olhava na escuridão e tratou de não pensar em perdê-la de novo. Falhou.

Capítulo Seis

- Aqui.

Ele pressionou uma taça de sopa nas frias mãos de Conde, tirando-a do torpor, apertando



seus frouxos dedos ao redor da cálida madeira. Tinha-a deixado descansar, mas o pensamento do que deveriam enfrentar e de como podia perder o que acabavam de compartilhar, deixava-o intranquilo, em guarda.

Ela sorriu em agradecimento.

- Porque enviaram a ti a participar da caça dessa coisa? - perguntou ela com um bocejo. - Porque não esperar até que tente trazer outros demônios?

Inaeus esfregou os olhos, cansado.

- Boa pergunta. Tentei dar explicações. Ratelband não as queria. Só queria a mim no ataque.

- Indo apresentar batalha com nosso antigo inimigo? - perguntou Conde com um irônico sorriso.

Inaeus sorriu.

- Conhece o homem muito bem.

Ela fez uma careta.

- Ele estava acostumado a preocupar-se pessoalmente com meus progressos, como disse. Conde esfregou o pescoço, evitando seu olhar. Estava envergonhada? Abandonou-me nos dormitórios de oficiais uma manhã e prometeu que poderia, como Encarregado dos Oráculos, me dizer meu destino. Os olhos de Conde eram zombadores. Por um preço, é obvio. Nomeando minha boca e uma certa parte de sua anatomia.

- Ratelband?

- É um velho lascivo, possuía a maior parte dos aprendizes da academia.

- Mas Ratelband...

- Está... cego ainda? Todo mundo sabia, ela bebeu até a última gota da sopa, limpando os restos com uma grosa fatia de pão. O todo-poderoso, santo conselheiro, um homem corrupto.

- E você... Inaeus -se encontrou de repente zangado quando encontrou seu claro olhar dourado. Ela nunca havia dito. Mordeu o resto das palavras, - pagou seu preço?

- Inaeus! - riu. Crê que iria a algum lugar perto dessa peça de...? - Conde sacudiu a cabeça, ainda rindo. Inclinou-se sobre ele. - O que fiz foi isto. Pressionei meu fiel estoque contra essa garganta maravilhosamente tensa. Aqui - sua voz era suave, ameaçadora, quando demonstrou, pressionando o frio metal contra sua pele. - Justo sobre a artéria principal e jurei que lhe racharia do pescoço até o ventre se tão somente voltasse a me olhar outra vez.

Seus olhos eram ferozes ante a lembrança. A pele de seu pescoço se arrepiou.

- Posso ser muito persuasiva, piscou. - Te assustei, Inaeus? - parecia surpreendida.

- Já deveria estar acostumado a ti - murmurou ele, resistindo ao impulso de esfregar a garganta.

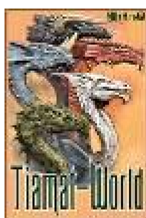
- Não estava interessada em meu destino, murmurou. - Mas então só tive que esperar um mês e as notícias foram de domínio público, Conde lhe sorriu. Ambos estávamos destinados à grandeza.

- Sim, Os Oráculos.

O Oráculo tinha entrado em sua vida fazia só três anos.

Lorde Ratelband consultava aos Oráculos uma vez ao ano e, como de costume, os rumores foram abundantes. As Profecias sempre eram coisas sem importância: quem subiria de fila, quem se casaria, o tamanho da colheita.

Contudo, esse ano tinha sido diferente.



Uma nova opção, sobre um inquisitivo moço de nove anos; estendeu-se o rumor de que Ratelband tinha visto uma grande mudança que estava por vir, que o Concílio teria novos membros depois de quatrocentos e sete anos. Era um rumor que se estendeu através da Academia e as próprias ilhas. Terei-os que clamavam pela verdade... e assim um dia Inaeus se encontrou convocado ao interior da sagrada câmara pela primeira vez em sua vida.

Permaneceu de pé ante os nove tronos de marfim, seu corpo firme, mas depravado. Seus olhos fixos à frente, concentrando-se no suave brilho do Cristal encravado na decorada parede atrás do trono do Pendagon. Tanto poder contido em uma pedra que podia agarrar na palma da mão. Inaeus não tinha dúvidas, nem preocupações. Tinha sido fiel e meticuloso na interpretação de seus deveres. O Concílio lhe diria por que lhe tinham permitido a entrada.

Tinha sido um estúpido cego.

- Onde está a mulher ensanguentada? - chiou Ratelband, ao arranhar a cabeça um pesado anel apareceu entre seu cabelo loiro. Conseguiu lhe dar a mensagem, Meyjes?

O homem ao seu lado se moveu na cadeira e murmurou em voz baixa:

- É obvio que o fiz. Não sou estúp... - as comporta se fecharam de repente, os repentinos ventos engancharam as envelhecidas sedas que cobriam as paredes as retorcendo. Exon Conde entrou em pernadas na Câmara. Alta, formosa, intimidante em sua armadura Exon e um estragado casaco verde cinzento. Seu cabelo, sob os raios da poeirenta luz do sol, era da cor vermelha sangue. A familiar careta de raiva sobre sua bronzeada cara.

- Porque me arrastaram que volta? - exigiu ela.

- Conde! - Inaeus a fulminou com o olhar. - Tenha respeito.

- Não - ela encontrou seu olhar e o fogo ardeu em seus dourados olhos. Sua atenção voltou para Concílio. - O que é tão importante que tivestes que enviar dois Aprendizes para pentear as montanhas me buscando?

Os olhos azuis de aço do Ratelband piscaram sobre Conde.

- Os Oráculos foram lidos... Começou com a voz cerimoniosa que sempre assumia.

- Diga algo que não saiba.

Inaeus observou a mão do Ratelband fechando-se em um punho e o rubor colorindo sua mandíbula e pescoço.

- Prossiga com isso, resmungou Pendagon. Quanto antes terminarmos, melhor.

- Capitão Inaeus. Vi que vocês poderiam ocupar a cadeira de um Patriarca.

Inaeus ainda recordava o choque que reverberou por seu sistema. Era impossível. Os nove homens que se sentavam ante ele tinham rejeitado feiticeiros mais aptos que ele na promoção, até a ViKettes. Converter-se em um Patriarca...?

- Como com qualquer Oráculo, não posso ver tudo. O patrão nunca é o mesmo. Só posso contar com um futuro possível. Há outros, seus arrepiantes olhos se voltaram para Conde, e neste futuro também entra Exon Conde como parte do Conselho.

- Eu? - ladrou Conde. -Eu? Unir-me a um velho saco de abutres? Não há nenhuma possibilidade!

- Nisso finalmente estamos de acordo, chiou Ratelband.

- Quando acontecerá isso, meu senhor? - Inaeus finalmente encontrou a voz na ressecada garganta.

Os olhos se voltaram para ele, observando só a rabugice de sua pergunta.

- Logo, murmurou Pendagon. Muito em breve.

- O que foi isso? Conde se sentou, seus olhos escrutinando os escuros céus. Ela amaldiçoou em voz baixa enquanto tentava mover suas débeis pernas. - Agarre sua espada, Inaeus. Aproxima-se algo.

- O quê? - ele tirou a arma de sua capa e sua mente se estendeu investigando a área que lhes rodeava. Não podia ser. Seu pulso se acelerou. - O Demônio.

- Correto, - Conde agarrou o estilete e se levantou sobre seus instáveis pés. - Aproxima-se do lago. A muita altura. Não há meias tintas agora. - sorriu abertamente ao Inaeus, com um olhar selvagem brilhando em seus olhos. - Esta advertência é mais do que estou acostumado a conseguir.

- Chama a isto advertência? - perguntou Inaeus. Estirou o pescoço para o topo das árvores quando uma enorme mão com esporões rasgou os ramos de um velho olmo. A esta seguiu outra. E outra. - Nunca me disse que tinha quatro braços, Conde!

Sua garganta secou quando surgiu o rosto do Demônio, a besta deixou cair seu robusto pescoço no descampado. As amplas asas arqueando-se, inundando-os em uma escura negritude. Vagamente, ouviu o terror de Filvar. Só podia concentrar-se nos olhos do Demônio. Puro fogo lhe fulminando com o olhar.

- Inaeus!

Um pensamento percorreu sua mente. O que poderia assustar a Conde mais que esse demônio? Seus três braços restantes se abriam caminho em um musculoso corpo pintalgado pelas faíscas da fogueira. Uma grosa cauda de serpente açoitou através da frágil maleza.

A ferida. O antebraço direito se foi, e um buraco mostrava abertamente o fogo em seu interior.

- Inaeus! - era a voz de Conde.

Ele saiu de seu estupor.

- Deveríamos introduzir o metal enfeitiçado em seu braço ou nos olhos! - gritou-lhe ele por cima do rugido do vento.

- É hora de esfaquear um tendão ou dois, gritou Conde. Na escuridão, o podia vê-la afastando-se coxeando fracamente.

Inaeus encontrou a angular cabeça do Demônio brilhando ante ele, uma magra língua aparecendo entre os lábios do réptil. Seus olhos de fogo não piscavam. Uma repentina brisa de feitiçaria saída do Cristal o encheu, seus sentidos balançando-se ante o feroz ar que elevava o salgado vento que envolvia o claro.

O Demônio criou uma barreira, abarrotando os troncos mortos com feitiços de obstrução. Não havia escapatória. Tentou conter as palpitações do coração, sangue e medo criavam uma mistura instável em seu cérebro.

Tinha que se controlar.

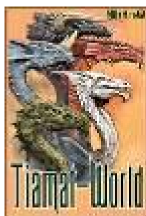
Conde cumpriria com seu dever. Ele tinha que estar preparado para golpear.

- É uma criatura interessante - refletiu o Demônio, sua cabeça inclinando-se como se estivesse fascinado.- O poder emana de ti. Não como na mulher. Seus traços se torceram rapidamente em ódio, gretando-se e retorcendo-se. O afiado corno em seu focinho brilhou com um brilhante fogo branco.- Humana estreita de mente, detestável!

O sorriso do Inaeus cresceu. Conde tinha, inclusive, a habilidade de ofender os Demônios.

- Ela te tirará mais que o braço desta vez!

O Demônio bramou sua raiva ante o aviso do triturado buraco esculpido em sua carne. Cinco



metros e meio de vingativo Demônio investiram contra ele. A cabeça se adiantou, esforçando-se para lhe morder, gotejando saliva. Uma gota salpicou contra sua bochecha e Inaeus lançou um grito.

Puro ácido.

As garras esfaquearam, brilhando em um repentino estalo de luz. O aroma do sal e o fedor de carne apodrecendo-se eram insuportáveis. Inaeus se inclinou ante a sensação do vômito.

As árvores. O fogo se arrastava pela madeira morta acesa pelo movimento da cauda do Demônio. A malha reforçada pelo cristal seguiu cortando a restante escuridão, sem lhe afetar.

Onde estava Conde?

Inaeus afastou a cabeça do limitado campo do Demônio, suas asas prendendo-se nos árvores. Ele tinha que continuar movendo-se. A agilidade era seu ataque mais certeiro. Sua espada arremeteu as babadas faces, pondo-o de joelhos.

A cauda açoitou de novo as árvores. A feroz brancura implantou uma imagem em seus fixos olhos.

Conde.

De algum jeito, ela tinha saltado sobre a frenética vara e tinha esfaqueado os tendões da parte superior do interior da coxa da criatura. A besta rugiu ante a tortura. A cabeça tentou golpear sua atacante, os dentes rasgando o ar vazio. Ela golpeou uma e outra vez, triturando a carne, ignorado o jorro de calor que supurava da ferida. Os músculos se estiraram. Os joelhos se afiançaram. Inaeus pôde ver o feroz sorriso na cara de Conde, ouvir o rachar dos ossos nas asas do demônio obrigadas a suportar seu peso.

- Não! - O grito saiu de sua boca.

Seu corpo foi varrido com toda a força da musculosa cauda. Arrebatou-lhe o estilete de prata da mão e a esmagou contra a parede de feitiços. As chamas emergiram. O aroma da pele carbonizada o impactou. Conde caiu ao chão em um montão de enegrecidas peles. O demônio bramou seu triunfo, fazendo que os ramos se sacudissem com o rugido.

- Por Conde! Inaeus carregou para a besta, sua espada ardendo de poder.

Atirando um golpe, uma garra de dois dedos caiu no chão. A espada esfaqueou e rasgou o estômago do Demônio, partes de carne podre saíam despedidos ante o brilho do fogo prateado. Todo o peso do Demônio se derrubou sobre um lado, estirando o sólido músculo de sua perna esquerda. A direita estava débil, desprotegido; o poder arrojado à parede monopolizou esta feitiçaria.

Ele só tinha que conseguir transpassar a ameaça dos chasqueantes dentes.

Inaeus gritou.

A criatura tinha usado toda sua força em um último e desesperado esforço. O bater de asas lhe advertiu um só segundo antes que a cauda lhe varresse os pés e caísse estrepitosamente no chão. Um rápido movimento de músculo e asas e Inaeus estava pendurando na mão esquerda do Demônio.

Ociosamente, a besta lhe balançou daqui para lá. Inaeus podia ver os espasmos em sua cara devidos à dor de suas feridas. Ainda assim, um sorriso se estirava ao redor dos secos lábios. As brandas asas se arrastaram cruzando o sangrento e negro lodo do chão, a desigual pele agitava os ferozes ventos. Sua visão se turvou quando se viu obrigado a olhar os desperdícios que se deslizavam de seu triturado estômago. As insensíveis garras se cravaram mais profundamente na coxa do Inaeus, fazendo que o sangue saísse mais rapidamente.

- Capitão Inaeus. Ele foi sacudido, grunhindo contra a vibrante agonia do rasgado tendão, até que sua cabeça esteve a quase dois metros de distância da enlodada terra. - O único a quem ele tanto temia.

O desprezo em sua voz se burlou dele.

- Quem? O sangue se precipitou ao seu rosto. Sua espada estendida brilhante no pó. Ia morrer. Queria saber a quem amaldiçoar em seus últimos segundos de vida. O olhar de Inaeus voltou para sua investida visão do monstro. Quem foi?

O Demônio o ignorou.

- Veio por isso. Sua garra direita tocou o Cristal introduzido na carne justo por debaixo da garganta. Um filme de escamas translúcidas brilhava ao redor do suave pulso da redonda pedra, apanhada pela vida do demônio. Será a última coisa que verás.

- Quem te convocou? Quem traiu a Liga?

O Demônio riu.

- Morra na ignorância, Inaeus.

Das árvores veio um estalo selvagem de cavalo e espada. A lâmina perfurou a mandíbula aberta do Demônio, ardendo ao redor do brilhante metal. O ímpeto o empurrou mais profundo e o introduziu na concha de seu olho direito.

Seu uivo de terror sacudiu o ar.

Os músculos sofreram espasmos.

Inaeus se estrelou contra o chão, estirando seu corpo, arrumando-lhe para se arrastar para longe do monstro que se retorcia enquanto se convulsionava na acesa parede. O vapor da carbonizada pele agonizante ondeou, envolvendo o arvoredo, lhe cegando. Falhando-lhe as pernas, o Demônio caiu de joelhos com um pesado gemido. A acre fumaça se separou. Inaeus se encontrou na sombra de uma massa instável de esmigalhado músculo. O desespero lhe arrastou através do chão.

Onde estava Conde? Onde estava Filvar?

Afastou as pernas quando o Demônio caiu derrubado ao chão, levantando uma nuvem de sufocante pó cinza. O ar voou em um torvelinho ao redor do arvoredo, arrastando o fedor do enxofre do monstro ao seu coração.

Inaeus ficou olhando.

O Demônio começou a dissolver-se. Filtrou-se na terra: membros, asas, pescoço, garras; estirando-se em uma borbulhante massa de translúcido líquido. Os ventos se desvaneceram e Inaeus respirou outra vez. Os suaves fervores da dissolução da carne do Demônio eram o único som na clareira.

Se foi. Finalmente se tinha ido.

Inaeus riu em voz alta.

- Conde, conseguiu! Não houve resposta alguma. Filvar? Seus preocupados olhos procuraram na escuridão. Conde?

- Aqui.

Ele meio se arrastou até um velho toco de árvore. A cabeça de Filvar estava inclinada sobre Conde, um estranho gemido saindo de sua reduzida garganta. O cavalo se afastou quando Inaeus caiu ao lado dela.

- Está bem?

- Sempre faz as mais estúpidas... - uma ondulação de dor cortou sua ácida língua.- Bem,

conseguiu ofegar ela. -Só bem.

- Que... - ele levantou os restos carbonizados de sua remendada camisa. Suas palavras se perderam. Seu estômago tinha sido rachado aberto de par em par, sangue, lodo e órgãos mesclando-se no crepúsculo.

- Não, murmurou ele.

- Estou morrendo, Inaeus.

- Não. Não podemos...

- Inaeus, estou morrendo, repetiu. - Não posso fazer feitiços. Eu... tentei. Conde se estirou para tomar a mão que agarrava seu desigual casaco. Um sorriso se moveu lentamente em seus lábios. É estranho, sua mão esmagou a sua quando uma crua dor a atravessou. - Nunca pensei que eu morreria, tragou por uma ensanguentada garganta. - E agora tenho algo a te dizer.

- Conserve suas forças. Conheço alguns feitiços de cura. Poderia levar um momento.

Conde suspirou.

- Homem impossível, murmurou ela. - Na sala de oficiais. O primeiro demônio. Veio por ti, Inaeus.

- Por mim...

- Não... - sua mão se elevou para lhe silenciar. - Pronunciou seu nome. Não podia deixar que te levasse.- Conde elevou o olhar, seus dentes mordendo seu lábio superior. - Eu só não podia. E então tentei matá-lo. Isto tinha que ser trabalho de um Patriarca...

Os espasmos retorceram seu triturado corpo e Inaeus a sustentou.

- Porque não me disse isso?

- O julgamento...

Os olhos abertos de Conde se entrecerram. Sua mão alcançou sua escorregadia cara, sua voz apenas um sussurro.

- Teriam me matado se tivesse apontado com um dedo ao concílio. Não estava preparada para morrer. Você não estava a salvo. Eu tinha que saber que estava a salvo, tragou. Queriam-te morto, Inaeus e queriam me culpar. Ambos seríamos tirados do meio. Assim deixei que me culpassem. Comigo fora, não tinham outro candidato disposto a convocar um demônio.

Ela estremeceu e mordeu o lábio.

- Então ouvi que o outro estava solto. Cheguei quase muito tarde. Suas criaturas poderiam ter te matado.- lutou contra a dor. O conhecimento lhe aterrorizou. Podia sentir seus pensamentos, provar seu medo. Mas ele não deveria conhecer a mente de Conde. – Inaeus, destrua o Cristal. Se proteja.

- Esse é seu trabalho.

Filvar mexeu em seu braço e ele elevou a vista. O cavalo tinha deixado um amplo espaço na erva verde, quando empurrou o Cristal recuperado do coração do Demônio até a borda da clareira.

- O que...? - uma repentina dor o encheu. - Conde? Seus olhos estavam fechados e seu corpo era um peso morto. - Não.

Com uma mão, levantou a fria face do claro Cristal. Este brilhou em sua palma, pulsando com vida.

- A Liga está condenada - e pôs a pedra dentro da ferida aberta de Conde.

Nova pele cresceu sobre o cristal, apanhando-o, fazendo-o parte de Conde. O fogo prateado correu ao longo de suas veias, infundindo uma nova energia aos seus músculos.

- Conde? Afastou o curto cabelo castanho avermelhado da sua cara. Ela estava respirando.

Com o dedo empurrou sua pálpebra.

Nada.

Houve um tempo, antes que o Primeiro Feiticeiro vinculasse o Cristal, este tinha realizado prodígios, uma descabelada história dizia que a pedra havia realmente devolvido os mortos à vida.

Inaeus deixou sair um pesado suspiro.

Seus dedos acariciavam ainda a bochecha de Conde. Valia a pena tentar. Sem embargo, o corpo estava vivo, nada mais.

De repente, a terra mudou.

Inaeus separou seus olhos do suave e persistente brilho da nova pele de Conde, seguindo o lento murmúrio do fogo prateado através do frio chão.

O fogo se filtrou na terra seca, estéril.

As névoas foram à deriva, envolvendo Inaeus, lhe agarrando imóvel na lisa e brilhante matéria, roçando contra sua pele como seda quente. As novas fibras de erva se desdobraram, seus lentos cachos criavam redemoinhos na neblina que se elevava ao redor do ativo fogo. Só podia ficar olhando quando a vegetação agarrou a enegrecida casca, mordendo profundamente os carbonizados restos, forçando nova vida na madeira. As folhas brotaram de ramos lisos. Mais à frente do círculo maldito, as novas árvores jovens fizeram erupção. A vida estava retornando.

Som.

Grilos. O zumbido das asas dos insetos bulia por cima da agitação dos pequenos animais através da nova e exuberante mata. Podia inclusive ouvir o quebrado fluxo das frutas silvestres.

Inaeus observou sair uma pequena ave vermelha e salpicada dos arbustos, ascendendo e descendo, criando uma estranha imagem em que formas brilhantes evoluíam em uma espécie detrás de outra. Pardais, pombas, falcões, as águias eram um aspecto impreciso de plumas e gritos alegres quando passaram como um raio em um céu que se suavizava na brilhante luminosidade da alvorada.

- É formosa Conde, murmurou ele girando sua cabeça através da névoa. Seus olhos capturados de novo pelo suave pulso do Cristal que brilhava através da sua translúcida pele. Finalmente vejo sua alma.

As névoas se levantaram. A cor e a vida se derramaram sobre a terra e o céu. Inaeus se levantou, contemplando a novidade, a dor da sua inchada e dura coxa se foi. Havia um vigor atravessando a cada criatura, uma aura brilhante, brilhante de força. Tudo isto era Conde. O Conselho tinha sufocado o Cristal, esmagando a feroz alegria de estar vivo que agora era o coração de Conde.

Ele afastou o passado de sua mente. Seus pulmões aspiraram o perfumado ar da manhã.

- Um novo dia. Uma nova vida, prometeu ele. Seus olhos descansaram sobre a pacífica cara de Conde... do cadáver.

Viver sem ela.

Ele se afastou.

Como tinha oficiado seu julgamento? O Santo, honorável Inaeus. Ela tinha razão. Sempre tinha posto a Liga e o Concílio antes dela. Conde tinha sido incapaz de lhe dizer a verdade, lhe dizer que ela tinha perdido o uso de seu braço tentando lhe salvar. A culpa do crime de convocar um Demônio só poderia então apontar aos Altos Oficiais. E ele a teria renegado por um escandaloso cargo. Conde abandonou então A Liga de modo que não pudesse ser culpada de outro

Demônio, protegendo Ineaus outra vez, das maquinações de alguém que romperia A Liga em uma tentativa de lhe matar.

Passou dois anos inteiros blasfemando seu nome. A vergonha se elevou através de sua pena. Conde tinha dado sua vida, com muito prazer, pela dele. E ele tinha estado muito ligado à honra, tinha sido muito estúpido para ver sua lealdade.

Não mais Conde.

Inaeus chorou.

Capítulo Sete

Ia voltar, ia voltar para terminar o que tinham começado.

Inaeus voltou o olhar para o montículo no qual tinha posto a cadeira de Filvar. Conde estava ali estendida, ainda um suave cadáver sem respiração. Os brincos da nova erva verde se empurravam sobre o fresco marco de madeira do montículo de desperdícios, curvando-se lentamente para suas mãos e cara, precisando tocar o poder que havia dentro dela.

Ela tinha agora o Cristal, pensou Inaeus em tom grave, e queria que todo o Concílio visse como seus complicados esquemas para lhe destruir tinham criado um pesadelo muito mais terrível do que sequer podiam imaginar. Conde poderia... Inaeus vacilou e afastou os olhos de seu pálido rosto.

Conde.

Porque nunca se deu conta da oprimida animosidade do Concílio? Seu dever cegou a natureza muito humanas dos anciões que tinham governado a ilha durante quase quinhentos anos. O medo do Oráculo os tinha obrigado a entrar em ação. Mas liberar um demônio... dois? Tinham-lhe temido tanto, a ele, a eles? Temido o poder natural que sustentavam? Nada tinha desafiado jamais o Concílio.

Nada tinha ameaçado alguma vez seu exclusivo clube.

Até agora.

Capítulo Oito

A terra ao seu redor rebrotou com nova vida. As pessoas saíram da cidade para recolher as colheitas que tinham aparecido durante a noite. A canção se elevou na ligeira brisa, indo à deriva para os longínquos céus azuis. Os meninos riram enquanto caíam e subiam pelas altas ervas que demarcavam o caminho, indiferentes como o cavalo que andava com passo lento e seu despenteado cavaleiro. Inaeus ignorou a todos, seu fixo olhar caiu sobre as paredes do Arcaider, que brilhavam na tarde. Partiu fazia só vinte e oito dias, decidido a assegurar a honra da Liga e destruir a Conde e sua horda de Demônios. De novo tinha sido um parvo. O que tinha visto nele alguém tão glorioso como Conde?

- Não sinta lástima de ti mesmo, murmurou. Tenho que ser forte. Conde deve ser vingada.

As portas da cidade se abriram. Estas revelaram o amplo túnel que conduzia à avenida

principal e descia para a praça do mercado. Inaeus contemplou a familiar escuridão, delimitando as esquinas e gretas no tijolo liso do túnel. Arcaider tinha sido seu lar durante trinta anos e pensar nisso lhe punha doente.

As limpas ruas buliam de vida. A fome e o terror poderiam ser esquecidos, o dia era para celebração e festins. Os aromas do pão assado, bolos e carnes que se assavam flutuavam no ar da tarde. Parecia que as preparações estavam em marcha para uma grande festa, com largas grinaldas estirando-se de uma casa a outra, serpenteando em seu caminho ao longo da ampla rua. Filvar fez seu caminho através do caos do mercado, assustando aqueles que colocavam as amplas mesas, afastando-os com seu peito amplo e encrespado.

- Quem vem?

Inaeus elevou o olhar para um aborrecido sentinela que estava de pé nos muros da Academia. Os festejos da cidade logo estariam cheios de distúrbios e o homem não parecia contente com o dever de guardar a entrada da Academia. Sem dúvida o Concílio desfrutava novamente da força da juventude. Não teriam porque estar contentes quando soubessem da nova fonte de seu poder.

- Sou Inaeus.

- Capitão Inaeus?

Imediatamente, saudou e desapareceu dos muros.

- Ninguém mais.

Inaeus desceu da cadeira. Estirou os doloridos músculos, resistindo ao impulso de esfregar a comprida arma oculta em suas calças da perna curada. A pele ainda picava. Endireitou as costas. Inaeus se negava a parecer fraco ante o Concílio.

- Retornamos outra vez Filvar, o cavalo soprou com desprezo.

- Exatamente o que penso.

Inaeus contemplou o familiar tijolo branco. Haviam lhe trazido para a Academia como um moço jovem de nove anos, dedicando-se à Liga, jurando manter todas suas leis com o melhor de sua capacidade.

E o tinha feito. Uma vez.

Inaeus se agachou à maca, afastando com os dedos o cabelo limpo, castanho avermelhado de Conde.

- Como se sente? Sua cara era pálida na forte luz do sol, pálida e sem vida. - Acorde Conde. -ele murmurou. -Por favor.

As portas do pátio se abriram e Inaeus elevou a vista. Seu olhar se entrecerrou ao ver que o Concílio se apressou a sair do restabelecido Corredor Principal, suas sandálias faziam ruído contra a lavada pedra. Os quatro eram homens jovens com suas brilhantes roupas.

- Estão aí, disse à silenciosa mulher. É hora da nossa surpresa final.

Filvar arrastou a maca ao interior do complexo. As comportas se abriram atrás dele.

- Capitão Inaeus! - Exclamou Pendragon, agarrando sua mão e estreitando-a com entusiasmo. Os olhos azul escuro do Primeiro Patriarca o sondaram procurando o cristal. Se transladaram às cadeiras com suas antigas mantas e adornos.

- Onde está?

Inaeus fingiu inocência.

- O quê?

- O Cristal, homem!

- Sim, disse assentindo com a cabeça. O Cristal.

Inaeus adotou uma postura que se burlava da formal precisão que sempre adotava ante aqueles que se consideravam seus superiores. Elevando a cabeça, olhou-lhe diretamente.

- Tenho que relatar que ao recuperá-lo do Demônio coloquei o Cristal dentro do corpo da antiga Exon, Conde?

- Você o quê? - Exigiu Pendagon. Do que está falando, capitão?

O Patriarca divisou a maca fixada à cadeira de Filvar.

- Essa mulher? O Cristal está nessa mulher?

A espada do Inaeus se balançou para bloquear a mão que se estendia até Conde.

- Não, disse.

Os olhos do Patriarca eram malévolos.

- O que vais fazer com seu... corpo?

- Porque não vi através de ti? O olhar do Inaeus se moveu para incluir o murmurante Concílio, através de todos vocês, há anos? Qual de vocês enviou o demônio? Você, Ratelband? Ou você, meu senhor Meyjes? Aterrorizados pelos Oráculos que destruiriam seu velho clube secular.

- Conde se deu conta... mas ficou por mim - o pensamento ainda o assombrava. Como lhe tinha inspirado tal lealdade? - Morreu lutando para salvar minha vida e eu lutava pela honra da Liga, - sua repentina risada era áspera - Que desperdício de morte.

- Honorável Ineaus, se burlou Pendagon. Crê que permitiremos que nosso Cristal fique em seu quente cadáver? Somos o Concílio. Nosso poder combinado te afligirá. Contigo morto, nada pode nos impedir que o arranquemos diretamente das tripas dela.

Inaeus levantou sua espada, preparando sua alma para a luta.

- Então tentem. Estou preparado.

- Não pode se manter à margem dos problemas, não é verdade Inaeus?

O pelo do pescoço se arrepiaram. Inaeus deu a volta.

- Conde?

Sua mão se estirava para estabilizar-se encontrando a serviçal garupa de Filvar. Sacudiu a cabeça, tentando enfocar sua mente. Os dedos se afundaram em seu curado estômago.

- Obrigado pelo inesperado presente.

- Está viva.

- Tão agudo como sempre.

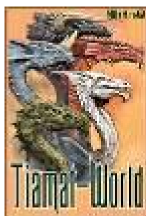
Conde ajeitou o desordenado cabelo, estirando seus recém recuperados membros. Contemplou seus dedos quando a suave luz do sol fez que sua pele sã brilhasse. Nenhuma cicatriz. Seus olhos observaram a pele clara e limpa de seu antebraço, o pelo dourado elevando-se à luz, perfumado. Arrepiada-a massa da cicatriz chapeada tinha sido um aviso constante de que Inaeus estava em perigo. Agora ela tinha o Cristal.

O sorriso que dedicou ao impressionado Concílio estava cheio de perverso encanto.

- Boa tarde cavalheiros. - disse saudando com a cabeça. -É um prazer lhes ver de novo.

- Isto é impossível, - resmungou Pendagon, - Valerion...

- Demonstrou que a ressurreição não funcionava. Mas não contou com alguém como eu. Uma verdadeira feiticeira. - Conde apertou a dureza de seu estômago, sentindo a suave vida através do Cristal. - Inaeus e eu não necessitamos de seu pequeno condutor artificial para criar magia. Levou-me tanto. Poderia fazer o resto. Nossos poderes são inerentes, naturais. Uma força de vontade da qual vocês sempre careceram. Assim me digam, quem enviou os Demônios por



Inaeus, ou vou tirar esta coisa do meu interior.

- Isto liberará os Demônios de suas ataduras, Ratelband a contemplou. Morreremos todos!

- Estamos acostumados a lutar com os Demônios- disse Inaeus- Sobreviveremos.

- Esta mulher o convocou, estúpido! - Disse Pendagon entre dentes, sua jovem cara brilhante com a raiva, a cólera açoitava os feitiços que mantinham sua carne tensa e clara.- Perceba a verdade dela, Inaeus. Sua obsessão sempre cegou a sua loucura.

Conde o olhou fixamente.

- Você- o talão de sua mão esmagou o ombro do Pendagon, derrubando-o para trás. - Você sabia dos Demônios. Tinha acesso aos livros. E ao Cristal. Viu o Inaeus como uma ameaça para sua posição como Patriarca - apontou cada declaração com um forte murro, assustando o homem que se voltou para o nervoso grupo dos Patriarcas. Observou a cada um dos homens com um duro olhar. - E quem te ajudou? Meyjes? Nugent? Foi uma conspiração do Concílio?

- Inaeus, escute sua loucura - exigiu Pendagon.

- O Cristal sabe - disse Conde, sua voz suave, reflexiva. - Sabe quem perdeu o controle e o deixou para os abusos do segundo Demônio. Deixarei que castigue ao delinquente por mim.

- Castigo? Seu crédito no cristal com consciente...

Pendagon não seguiu adiante. Contemplou seus pés, muito incrédulo para gritar, quando o tendão e o osso se derreteram no antigo chão de pedra. Seus tornozelos se inflaram e logo arrebentaram, os ossos de sua perna se estilhaçaram. O Concílio retrocedeu, olhando fixamente a horrorosa morte de seu líder.

A multidão se reuniu ante as portas murmurando seu crescente pânico quando Pendagon desesperado precipitou-se no chão do corredor clamando gritos, os sentinelas saíram precipitados de seus barracos para irem em sua ajuda.

Já era muito tarde.

As costelas de Pendagon se romperam uma atrás da outra. Os guardas ficaram com a boca aberta ante seus destroçados braços, exigindo a ajuda do Concílio que olhava, gritando pedindo silêncio, Inaeus não se moveu para salvar o Primeiro Patriarca que vociferava quando Pendagon foi empurrado ao chão de pedra, desvanecendo-se em uma borbulhante malha sangrenta.

- Usou o voto de Coação de Valerion para vincular o Cristal a sua vontade. A ilha sofreu durante séculos devido a isso, com satisfação ela observou o peito e a garganta do ancião dissolvendo-se no espesso lodo rosado. E não podia pensar que Inaeus, o filho de um agricultor da colina, se unisse ao seu clube.

- Deveria te haver matado! Chiou Pendagon. Foi a ameaça...

Essas foram suas últimas palavras quando sua mandíbula caiu e sua cabeça estalou afundando-se nos restos em que se converteu seu corpo. Cérebro, orelhas, globos oculares flutuaram e logo se afundaram devagar no meio do líquido.

O pátio estava em silêncio.

Pendagon e suas regras da Liga estavam mortos.

Inaeus agarrou Conde quando se balançou. Sustentou-a apertada contra ele, suas armas se abrigaram sobre seu cansado corpo. O calor de sua curada pele, o suave aroma de seu cabelo. Viva. Tinha lutado contra a morte para lhe salvar outra vez.

- Está bem?

Conde soltou um pesado suspiro, sua cabeça caindo contra o arco de sua garganta.

- Alegro-me de que tudo se acabe, murmurou.

Ele riu.

- Isto só começou, Conde. Agora é o Primeiro Patriarca.

- O quê? Sua cabeça se voltou para o olhar com incredulidade.

- Olhe-os, disse voltando seu rosto para os anciões que se afundavam no chão. Avançada idade abrandava seus ossos, suas velhas vestimentas muito pesadas para seus debilitados músculos. Não são nada sem Pendagon. Pode usar o Cristal e converter este lugar em algo bom.

Ela riu e atirou de seu braço apertando-o mais ao redor de seu corpo.

- Sempre tentando me converter para sua Liga ideal.

- Não, Conde.

Inaeus podia sentir o poder do Cristal palpitando através dela.

Sorriu abertamente. Tinham-lhes dado a possibilidade de começar de novo. Para fazê-lo bem.

- É nossa Liga.

FIM



Comu Tiamat: http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7
Twitter: http://twitter.com/tiamatworld
Grupo: http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR
Blog: http://tiamatworld.blogspot.com/
Mediafire: http://www.mediafire.com/TiamatWorld